

Memória Combativa

Natalino Rodrigues:

Anarquista de ação, um indomável, um padeiro agitador.

Que este escrito salte destas folhas impressas, se some com vontades insubmissas e vire ação no aqui e agora. As expressões por busca da anarquia perduram no curso do tempo, por momentos com maiores e múltiplas expressões, em outros, após “desmatamentos e queimadas” atravessa uma “seca”, e de tanto em tanto, rebrotam iniciativas, agitações, pessoas, comunidades em luta. Os tempos mudam a exploração e a sede por liberdade permanece. A atualidade constante do ideal e práticas anarquistas provoca que surja gente, inspirada no apego a liberdade, a odiarem toda dominação combatendo-a com suas energias sempre debaixo de condições adversas e em desvantagem.

Não temos dados biográficos precisos do anarquista Natalino Rodrigues, da sua tempestiva existência em permanente estado de conflito com tudo que tiraniza a vida: governos, patrões, policiais, fascistas/integralistas e seus bajuladores, prisões, manicômios, controle estatal. Encontramos sobre seus feitos, seu agir, suas andanças, agitações e perseguições que foi alvo, nas páginas do jornal anarquista *A Plebe*, gritando por sua vida e ideias em franca cumplicidade. As páginas dos jornais¹ de grande circulação destacam titulares de suas inúmeras prisões sempre fazendo o papel de demonizá-lo em sintonia com os policiais da ordem política e social (a mídia aponta a polícia dispara, o cidadão, súdito do estado, aplaude), tornando-o inimigo público. Natalino é tido como sujeito perigoso e nocivo para a paz social dos senhores do poder, seus passos são rastreados por agentes do Departamento Estadual de Ordem Política e Social (DEOPS/SP). Sua ficha na polícia política (Prontuário nº1286) é extensa e detalhada no curso da “Era Vargas”. Nasceu em 25 de dezembro de 1912, provavelmente o motivo de seu nome, em São João da Boa Vista, viveu por Santos e São Paulo, se fez anarquista e padeiro se tornando nos anos 30 uma pedra no sapato, um grão de areia no olho dos patrões, dos pelegos e fura greves, dos policiais e dos fascistas.

Padeiros e suas raízes combativas.

“E sempre ouve gente e gente de fato. E gente dura de roer.”

O Trabalhador 1º Set 1931²

No calor do forno, no segredo da mistura dos ingredientes e seu ponto, na lida, amassando a massa, paciência, delicadeza, firmeza, padeiros de um século atrás compartilharam mais do que um ofício, viveram o amargor da exploração fazendo pães e doces, desafiando seus patrões, a polícia, o estado-capital, suas formas de controle e punição. Marcaram em momentos distintos por sua atuação destemida, pela ação direta e combativa, pela solidariedade ativa.

¹. *Correio Paulistano* 26 out 1934, 1 e 2 dez 1934, 30 jan 1935, 8 set 1935, 20 fev 1937, 25 jan 1942, *Correio de São Paulo* 9 mar 1936, *Diário Nacional* 17 maio 1932, *A Gazeta* 17 maio 1932, todos de São Paulo, e também em *Gazeta de Notícias* 28 dez 1935, 25 jan 1942, *A Noite* 9 mar 1936, 20 fev 1937 e *Diário de Notícias* 25 jan 1942, 16 dez 1944 estes do Rio de Janeiro.

². *O Trabalhador* setembro de 1931 ano 1 nº 1, expressão impressa da luta dos sindicatos autônomos de inspiração anarquista de São Paulo, elaborado sob a responsabilidade do *anarquista Herminio Marcos*, expulso do Brasil por ser o que era, um agitador. Nestas páginas desafiando o prefeito e os patões os padeiros se auto declaram assim: *“Gente dura de roer”*.

Na Argentina anarquistas padeiros deixaram sua marca também de ironia e protesto, no nome de quitutes das padarias que seguem hoje: “cañones”, “bombas”, “vigilantes”, “bolas de fraile”, “sacramentos”, “jesuíta”³. Nestas bandas do Rio da Prata conflituos anarquistas padeiros têm raízes profundas que remontam a Sociedad de Resistencia de Obreros Panaderos fundada em 1887 em Buenos Aires. Também na outra margem do Rio da Prata, em Montevideu, os padeiros marcaram sua passagem na história com suas atitudes aguerridas na defesa de seus interesses e inspirações ácratas.

Frente à exploração em todas suas faces, que é o pão do dia a dia, em sua trajetória os padeiros em São Paulo, Porto Alegre, Rio de Janeiro, responderam com ação direta como forma de luta no conflito com os patrões, não delegando nada a ninguém, tomando as ações por suas próprias mãos, agitando sabotagens diversas e greves. A paralisação do fornecimento de pão pelas padarias dava um choque no ritmo “normal” da cidade, a ruptura com a normalidade é regra básica para aqueles que buscam subverter a imposição da exploração e romper com sua continuidade. E pra fazer paralisar tem que pelear.

Nas palavras do anarquista Cecílio Vilar, escrevendo desde Porto Alegre em 1914, em um artigo escrito no jornal “A Voz do Trabalhador” intitulado “Cartas Riograndenses” retrata a agitação dos padeiros durante uma extensa greve, que foi ganha pelos padeiros, defendendo o descanso semanal: “A sabotagem tem sido usada em larga escala. Diversos são os processos químicos empregados para seus imediatos resultados.” E continua: “A dias foram incendiadas duas carroças que conduziam pão.”⁴.

Nestas lutas contra os patrões, contra as forças da ordem e as humilhações da lei, também os fura-greves, conhecidos como carneiros, que atendiam a necessidade capitalista dos patrões de não parar de lucrar eram violentamente combatidos. Os padeiros se faziam famosos por esta postura ativa contra fura greves, além da sabotagem de fornos e farinha, uso de artefatos explosivos “machinas infernais”⁵ contra padarias e ataque a distribuição de pão. Por esta virtude estes aguerridos eram perseguidos e punidos pelas mãos policiais, condenações judiciais e as grades das prisões.

Anos 30, a Era Vargas e os desafios ao poder.

"Estamos onde sempre estivemos em defesa da liberdade e contra todas as tiranias"

A Plebe nº 90, 8 Junho 1935

O mal estar social permanente das dores das explorações e diário roubo da vida gera movimento contínuo de resistências frente às tantas opressões impostas a todos e a cada um/a. As seitas, os partidos políticos, as visões de mundo autoritárias, estadistas, deístas, que justificam, promovem e engordam com a exploração dos seres e da terra, esforçam-se em conduzir e manobrar o rumo dessas resistências, criando novas pacificações (novos tiranos, impeachment, fora esse fora

³. Cabezas de Tormenta, Christian Ferrer, Utopia Libertaria, BsAs, 2018.

⁴. *A Voz do Trabalhador* (RJ), nº 50, 1º Março 1914, pág.2. Também nos anos seguintes no jornal *O Sindicalista* e outros de Porto Alegre aparecem em suas páginas as aguerridas práticas dos padeiros em ação.

⁵. Pra recordar citamos aqui duas explosões contra padarias que saíram nos jornais. Uma em *A Noite* na página 2, de 22 de agosto de 1915, no Rio de Janeiro, anuncia: *A dynamite continua em ação, duas casas dynamitadas, uma padaria e uma tamancaria*. O jornal anarquista *Na Barricada* em seu nº18 de outubro de 1915 comenta na pág.3 sobre “*bombas de dynamite que tem feito visita noturna em algumas padarias*”. E ainda em 6 de maio de 1923 o jornal *O Imparcial* do Rio de Janeiro gritava na página 14: *A padaria 1º de maio foi dynamitada*.

aquele, novas leis, novas constituições), reformas, mantendo o cerne do poder intocável, buscando governar a cada um/a e toda sociedade, valendo-se da força social para manutenção de seu mundo de luxo e miséria. É assim hoje, foi assim ontem.

Getúlio Vargas, em 1930, tomou o palácio presidencial por um golpe contra uma elite política e econômica desacreditada, diante de eleições que abertamente se constituíam em uma fraude, aproveitando um clima de tensões e diferentes anseios de transformações políticas e sociais. Tendo perdido as eleições presidenciais avançou, como líder da Aliança Liberal, composta por oligarquias regionais e também militares ligados ao tenentismo⁶, aproveitando os ventos do momento deu o bote, e tomou o palácio presidencial do Catete no Rio de Janeiro, movimento chamado de Revolução de 30. Foi empossado como presidente provisório, e neste cargo permaneceu por quatro anos por todos meios possíveis, a política, a conciliação, a guerra declarada⁷.

Dizem, os comunistas, intelectuais, mestres e doutores da academia, que o anarquismo morreu nos anos 30! Porém a memória de anarquistas e suas publicações de outrora, além das páginas dos jornais vozes do sistema e arquivos policiais, afirmam que o fogo da busca pela anarquia jamais se desvaneceu. Em desafio contínuo às inúmeras repressões, leis antianarquistas, leis celeradas, as iniciativas anarquistas perduraram no tempo. Tempos onde ao ler um jornal anarquista em um bonde poderia ser preso⁸, tempos de inovações no enfrentamento as manifestações de rua contra o governo, os patrões, os fascistas, com o uso de gás lacrimogêneo pelas forças repressivas⁹. Tempos que entregar panfletos e espalhar propaganda anarquista na cidade te levava ao delegado da ordem social¹⁰, tempos de enfrentamento armado nas ruas com os fascistas, tempos de prisões, de fuga, de clandestinidade. Os tempos se cruzam, o tempo não para.

Dentro do conflito social, nas entranhas do dia a dia, as forças autoritárias, estadistas, se degladiavam, como sempre no curso dos tempos, pela tomada do poder: Getúlio Vargas e sua tropa revolucionária dona da máquina estatal; os integralistas (fascistas brasileiros); os comunistas tentando criar uma Frente Única culminando na criação da Aliança Nacional Libertadora aliança onde se arrebanharam comunistas, socialistas, democratas, liberais antifascistas; e ainda outras frações das elites regionais que encontravam contrariadas suas ambições. Já os anarquistas, como lhes cabem, ontem e hoje, decidiram a todo custo criar seu caminho, árduo, aproximando palavra e ação, sem unir-se a seus inimigos para vencer outro inimigo, posicionando suas iniciativas em combate permanente a todas as tiranias, seja do capital, de verde oliva ou pintada de vermelho, afirmando nas distintas práticas a vitalidade da sua raiz antiautoritária.

⁶. Movimento de militares nacionalistas de baixa patente (tenentes) que se insurgiram contra o governo federal em 1922 e 1924.

⁷. Após em 1934 foi eleito presidente pelo voto dos deputados constituintes que escreveram a constituição de 34. Poucos meses depois aprova a Lei Monstro/Lei de Segurança Nacional, que na prática acabava com todos “direitos conquistados” na constituição de 34. Antes do fim do mandato presidencial (1937) implementa a ditadura do Estado Novo que só acaba com o desenlace da 2ª Guerra Mundial (1945).

⁸. Em abril de 1933 o *anarquista Antônio Aguillar* é flagrado por um agente policial da delegacia de ordem política e social lendo jornais anarquistas em um bonde, *A Plebe, Tierra y Libertad, El Luchador*, é preso e fichado no DOPS. Prontuário nº 2394. *Combates pela Liberdade: O movimento anarquista sobre a vigilância do DEOPS/SP (1924-1945) módulo VII – Anarquistas*. Coleção Inventário DEOPS. Lúcia Silvia Parra. Arquivo do Estado de São Paulo, 2003. Pág. 108

⁹. *A Plebe* nº 72, 29 set 1934, “De Profundis”.

¹⁰. Em 1933 são confiscados pela polícia 1500 boletins da FOSP denunciando a violência policial e a vinda ao Brasil do General Augustin Justo, tirano na argentina, são presos 16 anarquistas. Prontuário da FOSP nº 716. Também em 1933 o *anarquista Donato Angelo de Vitis* foi preso “pregando boletins” da FOSP, no teatro Santa Helena na Praça da Sé, que convocavam a solidariedade ativa com os anarquistas espanhóis. Prontuário nº1088. Ambas citações em: *Combates pela Liberdade: O movimento anarquista sobre a vigilância do DEOPS/SP (1924-1945) módulo VII – Anarquistas*. Coleção Inventário DEOPS. Lúcia Silvia Parra. Arquivo do Estado de São Paulo, 2003. Pág. 133 e pág.127.

A órbita anarquista

Na cidade de São Paulo, onde anarquistas já tinham raízes profundas, são inúmeras as iniciativas anarquistas ao longo da década de 30. Sempre inspirados na prática da ação direta animaram associações autônomas diversas, sindicatos, agitações grevistas, sabotagens, protestos nas ruas e ofensiva contra os fascistas, os fura greve, as forças repressivas, mantiveram intensa propaganda, com cartazes, panfletos, jornais com forte difusão e incidência como *A Plebe* e *A Lanterna*, criaram o *Centro de Cultura Social*¹¹ onde deram vida a atividades culturais diversas, teatro, trocas de ideias, as conferências como chamavam,, também formaram comitês de agitação pela liberdade de companheiros presos chamados presos sociais, estavam vivos e ativos em franca atividade na batalha da vida posicionados na guerra social.

Anarquistas desencadearam campanha contra o Voto Obrigatório, contra o Serviço Militar Obrigatório para Mulheres, contra a Lei de Sindicalização (sindicalização obrigatória e atrelada ao estado imposta pelo governo Getúlio Vargas), contra o engodo da Constituinte, contra a Lei Monstro (Lei de Segurança Nacional). Se negaram ao uso da Carteira de Trabalho e situaram sua obrigatoriedade como forma explícita de controle policial do estado sobre o indivíduo¹².

É evidente a inspiração anarquista no *Sindicato dos Manipuladores de Pão Confeiteiros e Anexos*, na União dos Artífices em Calçados, na Liga Operária da Construção Civil, na União dos Trabalhadores da Ligth e noutras associações que juntas compunham a Federação Operária de São Paulo (FOSP) com sede no centro de São Paulo. No seu boletim a FOSP declarava sua disposição: “Destruir todo poder econômico e político e estabelecer uma sociedade que tenha por base o livre desenvolvimento do indivíduo sem sujeição a nenhum poder, a nenhuma absurda ditadura, seja ela branca, vermelha ou preta.”¹³. Cada associação destas tinha seu próprio prontuário nos arquivos da polícia política que inseria agentes repressivos infiltrados dentro das associações de ofício mantendo-se informada sobre indivíduos e coletividades que consideravam ser um perigo para a ordem social. A órbita anarquista suas distintas iniciativas e atividades eram uma colmeia que atraía a preocupação das forças repressivas mantendo constante vigilância¹⁴.

Foram tempos de grandes violências, enfrentando o governo e suas forças repressivas, os integralistas e clericais, os capitalistas e todos que lhes dão sustento e existência no dia a dia. Nos campos das batalhas em defesa da vida e da liberdade os anarquistas sempre estiveram na linha de frente! Natalino estava lá. Atuante e componente ativo do nutrido caldo de refratários ao estado-capital que compunha a colmeia anarquista.

¹¹. O CCS iniciou suas atividades anarquistas em 1933, fechou na ditadura do Estado Novo em 1937 reabriu em 1945 com um novo ressurgir fechando novamente na ditadura militar dos anos 60, nos anos 80 soprando a brasa anárquica que não se apaga a labareda sobe e inicia nova fervura seguindo com suas portas abertas e inspiração anarquista até os dias de hoje na cidade de São Paulo.

¹². A Carteira de Trabalho passava pelas mãos dos agentes da polícia política quem catalogava a pessoa, buscando identificar *indesejáveis*, como *os/as anarchistas*. O Ministério do Trabalho estava diretamente ligado à polícia política.

¹³. Boletim da FOSP 1º agosto 1931, Ano 1 nº 1. A ditadura branca faz referência as realezas, conservadores e reacionários, a vermelha faz referência a ditadura do partido comunista na Rússia e a preta em alusão aos camisas negras, fascistas italianos.

¹⁴. Anarquismo e Infiltração Policial nos anos 30, Marina Knup, Imprensa Marginal, 2011.

Natalino Rodrigues: Anarquista de ação, um indomável, um padeiro agitador.

“Em todas as reuniões nas quais toma parte, tem salientado seu ideal anarquista, o que não nega.”

Sr. Dr. Costa Ferreira delegado da polícia política
(Correio Paulistano 2 dezembro 1934 p.3)

Debaixo de condições adversas, em desvantagem, apegado à defesa da vida e da liberdade, odiando a dominação, o luxo e a miséria, Natalino, posiciona seu agir com energia e vontade. Expandiu suas atividades, suas experiências, suas ousadias contra as caretas do poder. Para Natalino a inação não era uma opção, foi fervorosamente reprimido pelas forças da ordem. Sua vida foi uma vida recoberta de desafios ao poder, de luta, de teimosia, de agitação permanente, e é por isso que ele vive em nossa memória anarquista combativa.

Recordando Sacco e Vanzetti em 23 de agosto de 1931 o Atheneu Libertário de Cultura Social convoca para uma manifestação de rua no Largo de São José de Belém. Na hora marcada reúnem-se em volta do coreto do Largo e são impedidos pela polícia de fazer uso da palavra no coreto, chega um comissário da Delegacia de Ordem Política e dá voz de prisão a todos, a cavalaria intervém e são presos doze companheiros anarquistas dentre eles Hermínio Marcos, Florentino de Carvalho, Pedro Catallo e Natalino Rodrigues¹⁵.

Em 1932 na cidade de São Paulo o mês de maio foi de ruptura com a normalidade da exploração desenrolando diversas greves entre os padeiros, sapateiros, garçons, trabalhadores em hotéis e das fábricas de vidro, tecidos entre outros. Proprietários pedem “garantias” a Delegacia de Ordem Política e Social para fazer as engrenagens do trabalho ritmar a normalidade da exploração. Para os proprietários de padarias a polícia confirma que conduzirá ao “xadrez” todos que atacarem as carroças de pão ou tentarem agredir aos distribuidores de pão até o fim da greve. De qualquer forma irrompem confusões interrompendo fábricas, um padeiro foi alvejado, a polícia invade a sede do *Sindicato dos Manipuladores de Pão* e prende Natalino, quem segundo a polícia resiste a prisão e portava uma faca, outros agitadores grevistas também são presos¹⁶. Por esta época a polícia política o qualifica como “agitador e provocador de distúrbios”¹⁷. Esta onda de agitação exigia o máximo de 8 horas de trabalho, o descanso semanal, aumento salarial, o que para os patrões era inviável diante da “crise” vivida, assim como demonstrava seu rechaço a implementação da “tapação” da Carteira de Trabalho e contra a Lei de Sindicalização, novos projetos de controle do governo Vargas que procurava neutralizar movimentos de resistência frente ao estado-capital. Ferramentas de domínio, controle, disciplinamento que desgraçadamente se consagraram como um sucesso na mão do estado.

No ano seguinte em 28 de novembro de 1933 ao embarcar em um bonde, na Rua Santa Iphigenia justo no arrancar voa o chapéu de Natalino. O motorneiro se nega a parar, uma discussão se inicia que culmina na intervenção de um Guarda Civil, o qual prende Natalino por declarar-se anarquista no meio da algazarra, é encontrado com Natalino propaganda anarquista¹⁸.

¹⁵. *O Trabalhador* nº 1, setembro 1931, pág. 3. *Sacco e Vanzetti Como se comemorou o 23 agosto em São Paulo*

¹⁶. *Diário Nacional* (na capa) e *A Gazeta* (pág. 10) ambos, São Paulo, 17 Maio 1932 e também *Correio Paulistano*, 2 dezembro 1934, pág. 3.

¹⁷. *Combates pela Liberdade: O movimento anarquista sobre a vigilância do DEOPS/SP (1924-1945) módulo VII – Anarquistas. Coleção Inventário DEOPS. Lúcia Silvia Parra. Arquivo do Estado de São Paulo, 2003. Pág. 167 Prontuário nº1286.*

¹⁸. *Prontuário nº1286* e também *Correio Paulistano* 2 dezembro 1934.

O 1º de Maio data de memória combativa e luta dos anarquistas desde 1886 até agora, é vivenciado em 1934 por Natalino e outros padeiros em Santos como data de luta, invadem a padaria União Paulista que mantinha o seu forno quente e suas portas abertas, provocando agitada desordem que resultou com quatro feridos, leves e graves, com navalhadas, logrando escapar-se junto a seus cúmplices¹⁹.

O *Sindicato dos Manipuladores de Pão Confeiteiros e Anexos* foi um vespeiro de gente que defendia seus interesses a muque, a unha. Além da força usavam o cérebro, possuíam uma biblioteca²⁰, em sua sede no bairro do Brás a “*Comissão das Escolas Modernas*” realizava aulas noturnas abertas²¹, editavam também irregularmente, ao modo sai quando pode o jornal *O Trabalhador Padeiro*²², tudo a custa de seus esforços. Nas páginas de *O Trabalhador Padeiro* bradava “Não há pátria: De um a outro polo não vejo mais que tiranos e escravos.” E também: “Confiar na ação governamental é ingenuidade, idiotez ou conveniência.” Assim como: “A caderneta de trabalho é o ferrete da escravidão moderna”²³. No prontuário do sindicato na polícia política há páginas avulsas de dois exemplares do jornal de novembro e dezembro de 1935. Por ser redator de *O Trabalhador Padeiro* e receber jornais da Espanha a polícia qualifica José Rocca Orozco como anarquista invade sua casa e o prende por uma semana²⁴.

Os padeiros dão vida, em uma concorrida assembleia, no mês de julho de 1934, com cerca de 600 padeiros, à criação de um Comitê Pró Presos Sociais²⁵. Em setembro de 1934 se expandem as agitações grevistas dos padeiros se defendendo frente às ambições patronais e estatais. Exigiam novamente trabalhar o máximo de 8 horas, aumento salarial, repudiando a “tapeação” da carteira de trabalho que por fim trazia maior controle e disciplinamento aos trabalhadores com a firme oposição aos controles do ministério do trabalho, as imposições trabalhistas, ou seja, oposição firme e combativa à ligação umbilical entre sindicato e estado, que punha a livre associação entre produtores de joelho aos pés do estado. Nestas jornadas grevistas a polícia prende padeiros acusando alguns deles de ladrões como o anarquista Eleutério do Nascimento. As páginas de *A Plebe* gritam em defesa de Eleutério e das agitações grevistas dos padeiros²⁶.

A Batalha da Praça da Sé, a vitória e seus desenlaces.

“Em nome da vida e da liberdade/Armas na mão e cabeças erguidas”

Trecho da letra 07/10/1934, da banda anarkopunk Execradores.

Nos anos 30 surgiu no Brasil um movimento fascista organizado, transformando-se em um partido, a Ação Integralista Brasileira (AIB), nacionalistas com uma doutrina própria, o Integralismo,

¹⁹. *Correio Paulistano* 2 dezembro 1934 e 8 setembro 1935. Em Montevideu no 1º de maio de 2012 um compa anarquista, motorista de táxi atuante neste sindicato, nicho de uns quantos antisistema, deu lhe umas navalhadas nos pneus de táxis que trabalhavam naquele 1º de maio, foi preso, movendo-se logo forte agitação solidária até sair de volta pra rua e próximo dos seus.

²⁰. Por mais de uma vez os padeiros tiveram sua biblioteca arrombada e vandalizada pelas forças policiais como ocorrido em 19 de maio de 1933 situação na qual repudiam e denunciam no “*Manifesto de protesto contra o assalto e depredações no local da Federação e prisão de 80 operários*”. Panfleto divulgado pela *Biblioteca Anarquista Carlo Aldegheri*.

²¹. *A Plebe* nº68, 4 agosto 1934, pág.3 Escolas Proletárias.

²². Pequena História da Imprensa Social no Brasil, Edgar Rodrigues, Editora Insular, Florianópolis, 1997.

²³. *O Trabalhador Padeiro (SP)* janeiro 1932, ano 1, nº 2.

²⁴. Combates pela Liberdade: O movimento anarquista sobre a vigilância do DEOPS/SP (1924-1945) módulo VII – Anarquistas. Coleção Inventário DEOPS. Lúcia Silvia Parra. Arquivo do Estado de São Paulo, 2003. Pág. 156

²⁵. *A Plebe* nº68, 4 agosto 1934, pág.3 Os padeiros se movimentam.

²⁶. *A Plebe* nº 72, 29 setembro 1934, pág. 3, A Greve dos Padeiros e Desfazendo Calúnias.

que foi a encarnação de valores de dominação e submissão que toma distintas faces ao longo dos tempos. Com seu explícito valor autoritário onde se declaram saberem o que é bom para a vida de todos esforçam-se em se impor como “o” caminho para a vida coletiva com seus valores de deus, pátria e família. Um pesadelo para diversidade humana. Como não poderia ser diferente movimentos que são compostos por gente que não pensa e se articula por sua própria cabeça, guiados por ordens, necessitam de um líder. Elemento fundamental das expressões do fascismo, o culto a uma personalidade, como a Mussolini, Salazar ou Franco, os integralistas cultuavam uma, Plínio Salgado, fundador da doutrina e do partido.

Os integralistas anunciaram que realizariam uma marcha no dia 7 de outubro de 1934, um domingo, no centro de São Paulo, onde os súditos integralistas jurariam fidelidade ao seu líder a exemplo da marcha sobre Roma realizada pelos fascistas italianos. Desde o anúncio toda diversidade antifascista respondeu prontamente declarando uma contra manifestação. Anteriormente os integralistas haviam anunciado marchas, mas diante da pronta resposta antifascista cancelavam, desta vez foi diferente e a cobra fumou.

Os anarquistas se fizeram presentes na Praça da Sé atuando de maneira aguerrida e intransigente com os integralistas. Não se sabe de onde partiu o primeiro tiro, mas contam que de início Simon Radowitsky e Juan Perez tomaram uma metralhadora da polícia e a partir daí “a revoada das galinhas verdes” foi estrondosa. Os integralistas fantasiados com seus uniformes verdes debandaram totalmente sendo expulsos da praça pública e perseguidos pelas ruas, abandonando bandeiras e uniformes pelo chão, sua marcha e juramento foi por fim uma demonstração de sua incapacidade de aguentar o peso das forças as quais almejavam exterminar²⁷.

Além da massiva debandada fascista somou-se alguns integralistas mortos a bala e mais dois policiais, também o jovem anti fascista Décio Pinto de Oliveira perdeu a vida durante a batalha. Desencadeia-se contra os anarquistas a reação policial, no dia seguinte às 10 horas da manhã policiais em diligência repressiva invadem a sede da FOSP, também local do *Sindicato dos Manipuladores de Pão Confeiteiros e Anexos*, na Rua Quintino Bocaiuva nº80 próximo a Praça da Sé. Encontram no prédio Juan Perez, Natalino Rodrigues e outros padeiros, de imediato prendem os dois anarquistas agindo com violência contra os padeiros e tenaz brutalidade e espancamentos contra Natalino acusando-o da morte de dois policiais durante o acirrado tiroteio na Praça da Sé. A polícia declara ter encontrado um revólver em cima de um armário dentro da sede. A sede é fechada pela polícia que fica de guarda no prédio de “carabina embalada” impedindo qualquer aproximação²⁸. Outros anarquistas recebem a malquista visita da polícia em suas casas durante a semana, alguns são presos, como Eleutério do Nascimento, Antonio Araújo Ribeiro, Domingos Panzarini, Alfredo Chaves, Luis Papero, Pedro Catallo²⁹.

Um cagete delator da polícia afirma ter visto Natalino durante a Batalha da Praça da Sé na porta do Café Brasil, nas imediações da Praça da Sé, com arma em punho, atirando, com roupas em desalinho e calças manchadas de sangue. O que Natalino não nega³⁰. É classificado pela polícia como “indivíduo de instintos perversos”³¹.

²⁷. Memória Combativa: A Batalha da Praça da Sé. Em Crônica Subversiva, Ano 3 nº 4 outono-inverno 2019, Porto Alegre.

²⁸. *A Plebe* nº73, 13 outubro 1934, pág. 2 Fechamento da sede da Federação Operária. Camaradas Presos.

²⁹. Anarquistas: Ética e antologia de existências, Nildo Avelino, Achiamé, Rio de Janeiro, 2004, pág.81.

³⁰. *Correio Paulistano*, 2 dezembro 1934, pág. 3 A propósito da prisão de Natalino Rodrigues.

³¹. Combates pela Liberdade: O movimento anarquista sobre a vigilância do DEOPS/SP (1924-1945) módulo VII – Anarquistas. Coleção Inventário DEOPS. Lúcia Silvia Parra. Arquivo do Estado de São Paulo, 2003. Pág. 68.

A Plebe bradava por aqueles dias: “Vivemos dias de sobressalto, de incertezas, mas satisfeitos com a bela e insuperável vitória alcançada pelo esforço e a boa vontade de todos antifascistas de São Paulo num gesto de altivez e de consciência diante do perigo comum que nos ameaçava.”

Prontamente *A Plebe*, *A Lanterna* que eram muito mais do que jornais, folhas impressas, emaranhado de letras, mas um aglutinado de pessoas e vontades, uma força viva, dão respostas em palavra e ação em solidariedade com os presos, seus familiares e outros perseguidos. São realizadas inúmeras iniciativas solidárias difundindo cartazes e panfletos, coletando recursos, realizando sorteios e festival, iniciativas que somadas dão vida ao Comitê Pró Presos Sociais³².

Logo de sua prisão o Comitê Pró Presos Sociais, pelas vias legais, interveio por Natalino pedindo habeas corpus, sendo todos negados, pois a polícia negava estar com ele. Natalino era sistematicamente transferindo de um lado a outro, assim não estava em nenhum lugar por 52 dias até decidirem livra-se dele embarcando-o deportado a bordo do Navio Anníbal Benevolo com destino ao sul do Brasil, como já haviam feito com tantos outros *indesejáveis*. No dia 29 de novembro de 1934, no porto de Santos, desde o porão do navio, logra comunicar-se com seus companheiros na cidade que prontamente respondem. Os estivadores cientes de Natalino ameaçam em movimento solidário paralisação e negam-se a descarregar e carregar a embarcação³³.

Por meios legais é expedido um habeas corpus para libertar Natalino mesmo com a terminante negativa do chefe de polícia de que estivesse nos seus calabouços ou soubesse de seu paradeiro, tampouco havia uma acusação formal, o juiz criminal Pedro Chaves da comarca de Santos queria o cumprimento da lei, da constituição, já a polícia aplicava a sua lei. Assim sendo em uma atitude incomum o doutor juiz vai a bordo do navio e efetiva a libertação de Natalino lhe desembarcando em terra e lhe deixando em mãos um habeas corpus que a polícia em poucos dias rasgaria e lhe prenderia novamente.

Preso desde o dia seguinte da Batalha da Praça da Sé ficou por 52 dias incomunicável, seus companheiros supunham que seu destino poderia ser a morte. Mas aparece. A polícia se agrada com o sofrimento dos que lhe amam, companheira, irmã e cúmplices. Os jornais fazem amplas matérias dando voz ao delegado apresentando a ficha de Natalino na polícia política o demonizando e ironizando sua vida, o conhecido escracho midiático, que segue permanentemente daí em diante quando a vida de Natalino reverbera nas páginas dos jornais.

Natalino relata seus passos quando preso em 8 de outubro sendo logo enviado ao Gabinete de Investigações e espancado a mando do delegado Costa Ferreira da Delegacia de Ordem Política e Social. Passa 30 horas na cela sem comer sofrendo novo interrogatório. Nada conseguem de Natalino. Passa a ser um “preso volante” transferido de cadeia em cadeia, entre São Paulo, Santos e Rio. Fica preso em São Paulo até o dia 14 de outubro e é remetido ao Rio de Janeiro, volta para o Gabinete de Investigações até dia 28 e lá é transferido para Santos sempre incomunicável. Volta para São Paulo e vai para o posto policial Ipiranga passando inomináveis torturas, de chegada a polícia queimou as roupas que vestia, passando quatro dias na cela despido com um banho frio a cada duas horas. Por uma tentativa de fuga frustrada neste antro policial o enviam de volta ao Gabinete de Investigações sendo novamente enviado ao Rio de Janeiro aí em poucos dias é embarcado a bordo do navio Anníbal Benevolo do qual logra sair. Relata estas dores em uma entrevista para o jornal *Correio Paulistano* destacando que “*O que mais vale é que estou em liberdade. Não sei se gozarei de minha liberdade por muito tempo.*”³⁴.

³². *A Plebe*, nº75, 10 novembro 1934, pág. 3 Comitê Pró Presos Sociais.

³³. *A Plebe*, nº 77, 8 dezembro 1934, na capa Tartufismo Policial.

³⁴. *Correio Paulistano*, 1º dezembro de 1934, na capa com foto de Natalino.

E tinha razão o anarquista. Fica na cidade de Santos e alguns dias depois vai ao circo com outros companheiros na Praia Grande. Lá é preso por agentes da ordem social enviados da capital justamente para capturá-lo³⁵, os policiais enfrentaram resistência por parte de Natalino e de seus companheiros sendo dois companheiros detidos na briga. Seu habeas corpus é rasgado e é preso pelos próprios defensores de tais leis que o põem a ferros. Após esta nova prisão *A Plebe* não demora e estampa em sua capa uma foto de Natalino com os dizeres: “- Perguntamos outra vez: Onde está Natalino?”³⁶. As palavras de *A Plebe* são de viva cumplicidade com Natalino, um *destemido*. *A Plebe* não apela à legalidade, afirma serem as leis uma fantasia jurídica para dilubriar e governar com aparências de “direitos” e “liberdades”.

A vingança do poder, das autoridades, com sequestros, agressões diversas, perseguições, vigilância, roubo e depredação de bibliotecas, de espaços coletivos e correspondências, ameaças, processos e expulsões foram a realidade vivida pelos anarquistas que se mantinham como tais, sem baixarem suas cabeças nestes tempos.

Esta tormenta repressiva já estava no ar e se fazia sentir, se intensificou após a Batalha da Praça da Sé contra os anarquistas em São Paulo, com as forças da ordem dando duro contra a órbita anarquista, indivíduos, iniciativas e espaços coletivos.

Juan Perez e Araújo Ribeiro são ameaçados de expulsão com Getúlio Vargas assinando documento para tal³⁷. Nos últimos dias de dezembro de 1934 o jornal Correio de São Paulo declarava sobre a portaria de expulsão de seis indesejáveis baixada pelo Ministério da Justiça onde chorava que: “O mais perigosos deles é João Perez Parada, não comunista, mas anarchista de um temperamento violentíssimo.” É tido como foragido no jornal³⁸. Buscou de fato abrigo junto a companheiros cúmplices mais ao sul. Antônio Araújo Ribeiro tido pela polícia política de São Paulo como “violento anarco-sindicalista perigoso para ordem pública” não teve a mesma sorte embaraçado nas redes repressivas é expulso do Brasil no ano seguinte³⁹.

A Plebe n°75 de 10 de novembro de 34 que trazia em sua capa grande ilustração retratando as torturas sofridas nas masmorras policiais da Rua dos Gusmões por Natalino, Juan Perez, Araújo Ribeiro e tantos outros é apreendida pelos agentes da Ordem Social. O editor de *A Plebe*, Rodolfo Felipe⁴⁰, um anarquista irreduzível, foi preso por esta época, já havia sido preso anteriormente simplesmente por ser o que era.

Vivendo, teimando!

Os anos de 1933-34 marcaram-se também na vida social ao redor do Brasil pela Assembleia Nacional Constituinte formada a partir da eleição dos deputados constituintes, um circo, o circo eleitoral. As constituições nascem de tensões, abortos de regimes, reivindicações e imposições, para além de seus significados particulares a cada momento e lugar as constituições são a consolidação da perspectiva e prática estadista para a vida coletiva. Esta constituição de 1934 representava a grosso modo as garantias democráticas clamadas na “Revolução de 30” e que só foi possível concretizá-la

³⁵. *Correio Paulistano*, 13 dezembro 1934, pág. 9 Notícias do Interior: Santos Mais uma violência policial.

³⁶. *A Plebe*, N°78, 22 dezembro 1934.

³⁷. *A Plebe*, n°78, 22 dezembro 1934, pág.2, O caso de Natalino e outros.

³⁸. *Correio de São Paulo*, 27 dezembro 1934, capa, Seis propagandistas do comunismo expulsos do Brasil.

³⁹. *Combates pela Liberdade: O movimento anarquista sobre a vigilância do DEOPS/SP (1924-1945) módulo VII – Anarquistas*. Coleção Inventário DEOPS. Lúcia Silvia Parra. Arquivo do Estado de São Paulo, 2003. Pág.109

⁴⁰. *Combates pela Liberdade: O movimento anarquista sobre a vigilância do DEOPS/SP (1924-1945) módulo VII – Anarquistas*. Coleção Inventário DEOPS. Lúcia Silvia Parra. Arquivo do Estado de São Paulo, 2003, pág. 173. E também em: *A Resistência Anarquista Uma questão de identidade (1927-1937)*, Raquel de Azevedo, Arquivo do Estado, 2002, pág.262. E: *Os Companheiros*, Volume 5, Edgar Rodrigues, Editora Insular, Florianópolis, 1998, pág.91.

através da Guerra Constitucionalista (1932) promovida pelas elites contrariadas de São Paulo, que derrotadas venceram. Após seis meses de confabulações parlamentares em julho de 1934 sai a constituição. Em nove meses é anulada pela vontade de poder de Vargas, através da Lei de Segurança Nacional de abril de 1935, uma máquina jurídica para triturar tudo que questionava o estado-capital segundo Vargas “doutrinas dissolventes”.

Os anarquistas jamais se fiaram nas leis ou as tomaram como parâmetro referencial, e exatamente por isto são anarquistas. Sempre combateram o império das leis, as garantias das iniquidades sem fim, suas justificativas, o mundo legal que a legitima e protege. O engodo da Constituição foi combatido assim como foi combatida pelos anarquistas a Lei de Segurança Nacional, alcunhada de Lei Monstro⁴¹. Na prática a LSN arrancava os mínimos direitos que um indivíduo tem na defesa legal contra o estado-capital garantindo toda classe de violências à máquina estatal. A tempestade repressiva se ampliava no horizonte de norte a sul.

Assim como toda órbita anarquista os combativos padeiros são constantemente alvos nas repressões destas batalhas. Eleutério do Nascimento, anarquista e padeiro, é novamente preso após ter sido desterrado para o sul e ter logrado voltar a São Paulo. *A Plebe* protesta contra esta nova repressão policial na qual vocifera que “a polícia não esperou a aprovação da Lei Monstro”⁴² na sua torpeza repressiva. A Federação Operária de São Paulo muda de sede e não muito distante de sua abertura recebe a malquista “visita” policial⁴³.

Natalino segue preso e incógnito. Solidários passam da palavra à ação e em caravana nas ruas de São Paulo repartindo propaganda pela liberdade de Natalino são presos pela polícia política. Este punhado de companheiros assim como hoje viviam na contradição de perder a liberdade lutando por ela. Os panfletos pela liberdade de Natalino apreendidos pelos agentes da ordem diziam: *Onde está Natalino Rodrigues; Operários! A polícia sequestrou Natalino Rodrigues; Proletários! Um dos vossos, Natalino Rodrigues, jaz apodrecendo nas masmorras policiais. Reclamai-o!*

Em março de 1935 surge a Aliança Nacional Libertadora. Uma grande frente política, esquerdista, democrata, de objeção ao regime de Vargas e contra o avanço do integralismo/fascismo. Fundam-se núcleos por amplas partes do Brasil do interior as capitais, seu presidente de honra foi o líder comunista Luís Carlos Prestes e almejavam em suas palavras “Todo poder a ANL”. Os anarquistas mesmo com a vaga proximidade de alguns pontos em comum com ANL mantêm-se anarquistas desvinculando-se das propostas que visam o poder não aderindo a Aliança⁴⁴. A ANL tem uma vida efêmera sua composição assusta Vargas que logo a ilegaliza por decreto pondo em prática a recente Lei de Segurança Nacional.

Posto a ferros enquanto estava no circo junto a companheiros na Praia Grande em dezembro do ano anterior, provavelmente Natalino tenha passado boa parte do ano de 1935 preso. Em janeiro de 35 *A Plebe* intimava em sua contra capa em destaque “Insistamos na pergunta: Onde está Natalino?”⁴⁵. Durante o ano na agitação por sua liberdade companheiros solidários são presos difundindo propaganda por sua libertação. Em setembro uma notícia entrecruzada e cheia de raiva

⁴¹. Trinta anos depois de Vargas os militares de 64 requestraram e se serviram da LSN a qual o jornal anarquista O Protesto desafiou. A redemocratização não a extinguiu. A LSN que foi reformulada no início dos anos 80 existe até hoje, e em momentos de desespero do estado ameaça com ela como fez em 2013 e 2014 acionando-a contra os Black Blocs por sua ofensiva contra o estado-capital e agora em 2020 usada para ameaçar hackers que se infiltraram nos computadores de instituições do estado e do próprio tirano Bolsonaro.

⁴². *A Plebe*, nº 85, 30 março 1935, pág.3, Antecedendo a Lei Monstro.

⁴³. *A Plebe*, nº89, 25 maio 1935, pág,3, A Federação Operária de São Paulo varejada, de novo, pela polícia.

⁴⁴. *A Plebe*, nº90, 8 junho 1935, capa.

⁴⁵. *A Plebe*, nº 79, 5 janeiro 1935, contracapa.

contra Natalino diz que foi posto em liberdade baixo fiança, ou seja, o liberaram do cativeiro após pagar o resgate⁴⁶.

Em novembro eclode uma insurreição armada que toma a cidade de Natal no Rio Grande do Norte. Este movimento insurrecional é inspirado pelo Partido Comunista Brasileiro satélite das ordens de Moscou. Tinha um intuito de levante nacional ainda manifestando-se em Recife e Rio de Janeiro. O movimento estava amplamente ligado aos comunistas oriundos do exército, os próprios levantes partiram de dentro de regimentos militares, sendo todos arrasados pelas tropas fiéis ao governo. Os reacionários chamam este levante de “Intentona Comunista”.

As repressões diante do levante insurrecional são amplas, gerais, massivas. Edgar Rodrigues afirma: “O numero de presos por delitos de opinião e sem ela aumentavam por todo o país”⁴⁷.

Diversos anarquistas são presos sumariamente, suas iniciativas a colmeia cheia de vida, de agitações, enfrentamentos, greves, sabotagens, protestos nas ruas, vida cultural com teatro, escolas, bibliotecas, debates, jornais, propaganda variada, enfim são coibidas por todos meios possíveis pelas mãos sádicas da repressão. Os não nascidos no Brasil são expulsos⁴⁸ ou sofrem a ameaça.

As prisões recebem imensa leva de novos penitentes. No Rio de Janeiro destacou-se em perversidade a Colônia Penal de Dois Rios⁴⁹ na Ilha Grande, hoje paraíso da especulação turística. Em Porto Alegre foi “o cadeião do gasômetro” a *Casa de Correção* o destino dos prisioneiros. Na cidade de São Paulo já operava o Presídio Político do Paraíso, não suficiente é remodelada uma fábrica de tecidos falida, Maria Zélia, em novo presídio, especialmente destinado a receber os prisioneiros deste temporal repressivo.

A vingança punitiva das forças da ordem contra Natalino suas ideias e práticas não se detém, com requintes de crueldade, toma nova cara a penitência. Preso nestes vendavais repressivos e encarcerado no Presídio Político do Paraíso é tido como louco pela polícia e pelos seus porta vozes jornalistas, que nas páginas dos jornais dizem estar “fingindo sofrer das faculdades mentais”⁵⁰ ou afirmam que “perdeu a razão”⁵¹. Ambas as matérias gritam explícito rancor contra Natalino, por ser anarquista, por seus feitos de grevista, de combatente anti fascista/integralista, sendo justificativas segundo suas lógicas para estar agora louco e sofrer todo tipo de violência nas mãos de policiais e psiquiatras, com o aval e aplauso dos cidadãos. É transferido do “Paraíso” para o Manicômio Judiciário do Juquery. Passa meses nesta condição até ser novamente transferido para o “Paraíso” o diretor do manicômio afirma ser Natalino “perigoso a ordem pública, e que não havia segurança suficiente no Manicômio do Juquery”⁵².

Dentro dos cárceres os anarquistas não se entregam e seguem com atitudes, debaixo das piores condições, vivendo o que acreditam. José Oiticica, anarquista e renomado professor, preso no Rio de

⁴⁶. *Correio Paulistano*, 8 setembro 1935, pág.14, Pronunciado preso e restituído a liberdade sob fiança.

⁴⁷. Edgar Rodrigues, *Anarquismo no banco dos réus* (1969-1972), VJR Editores, 1993. Pág.149. Edgar Rodrigues é o pseudônimo de Antônio Francisco Correia anarquista prófugo da ditadura de Salazar em Portugal que viveu no Brasil por longas décadas dedicando-se exaustivamente em juntar jornais e memórias de veteranos anarquistas escrevendo vasta sementeira sobre a história dos anarquistas e suas iniciativas em terras brasileiras e em Portugal.

⁴⁸. Hermínio Marcos, Germinal Soller, Torquato Villano, Antônio Araújo Ribeiro, Oreste Ristori, Thomaz Martins Vergara, Paul Laurent ...

⁴⁹. *Nos Subterrâneos do Estado Novo*, Heron Pinto, Edição do autor, Rio de Janeiro, 1950.

⁵⁰. *Correio de São Paulo*, 9 março 1936, capa Passou por demente.

⁵¹. *A Noite* (RJ), 9 março 1936, capa Uma tragédia entre loucos.

⁵². *Combates pela Liberdade: O movimento anarquista sobre a vigilância do DEOPS/SP (1924-1945) módulo VII – Anarquistas. Coleção Inventário DEOPS. Lúcia Silvia Parra. Arquivo do Estado de São Paulo, 2003. Pág.68.*

Janeiro, dá curso de literatura portuguesa a outros detentos seus colegas de infortúnio⁵³. Rodolfo Felipe editor de *A Plebe* preso no Presídio Político Paraíso em São Paulo (depois é transferido ao Maria Zélia) edita a lápis dois jornais para circulação entre os presos *A Cana*⁵⁴ e *O Xadrez*⁵⁵. Seguem inquietos e ativos por detrás das grades, dando vida a suas ideias e inquietudes com o que tem na mão.

A Fuga do “Paraíso”

“Foge cara! Foge!”

Título do livro de Xosé Tarrío

No amanhecer da quarta feira de cinzas, 10 de fevereiro, Carnaval de 1937, surge na rua ao lado do “Paraíso”, na hora apropriada, logo antes do raiar da nova aurora, saltando de um túnel de dentro da terra, um grupo de foliões, os amantes da liberdade. Às seis horas da manhã daquela quarta feira de cinzas nas despedidas do carnaval alguém da casa próxima de onde saiu o túnel disse ter ouvido barulho, mas considerou tratar-se ainda da folia do carnaval. Por sorte naquele carnaval de 1937 a escola de samba “Vizinha Faladeira” havia sido vencedora nas ruas do Rio de Janeiro e não em São Paulo.

Um grupo de 17 presos do “Paraíso” seguiram o latido de seu peito uivando liberdade e trataram de cavar o seu caminho. Cavaram um túnel desde o interior do presídio e saíram no quintal de um terreno vizinho. Ao pularem o muro do quintal, a rua abriu novos caminhos na vida de cada um/a, que inquieto desafiou e se evadiu das garras do estado e suas forças repressivas⁵⁶.

Alguns dias após a fuga envoltos na censura da polícia de Vargas os jornais dizem não poderem revelar pormenores do assunto que não havia como esconder: A evasão de 17 prisioneiros do “Paraíso”. Nas páginas dos jornais em meio a sentenças e condenações ainda consideraram os feitos uma “notável façanha”, de “audácia e inteligência”, um “fato inédito e emocionante”⁵⁷. Desde as primeiras notícias dos poucos nomes citados aparece logo o *operário, agitador e padeiro*, Natalino Rodrigues.

A escavação no rumo da liberdade partiu da enfermaria em um canto rente a parede. Ali cavaram, usando de pás e picaretas pedaços de ferro das camas, até encontrarem o alicerce a mais ou menos um metro de profundidade, seguindo com um túnel de 9 metros de comprimento, que

⁵³. Depoimento de Ilvo Meireles em *Anarquistas e Comunistas no Brasil*, John Foster Dulles, Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1979. Pág. 431 nota 76.

⁵⁴. *Imprensa confiscada pelo DEOPS 1924-1954*, Maria Luiza Tucci Carneiro, Boris Kosssoy, Ateliê Editorial, São Paulo, 2003, pág. 66.

⁵⁵. *Imprensa confiscada pelo DEOPS 1924-1954*, Maria Luiza Tucci Carneiro, Boris Kosssoy, Ateliê Editorial, São Paulo, 2003, pág. 212.

⁵⁶. Com o mesmo impulso na tarde de 18 de março de 1931 um punhado de anarquistas lograva evadir-se do Penal de Punta Carretas em Montevideu Uruguai através de um imenso túnel de 43 metros de comprimento, um metro de altura e 80 centímetros de largura, iluminado com lâmpadas e oxigenado por um tubo de ar, escavado de fora para dentro do presídio por habilidosos companheiros anarquistas valendo-se de um comércio de fachada de venda de carvão *El Buen Trato*. A solidariedade anarquista é mais que palavra escrita! Tal façanha tá contada nos quadrinhos: *Mais que palavras*, Rafael Costa, Achiamé, 2009. Ver também: *Anarquistas de Acción en Montevideo (1927-1937)*, Fernando O’neill Cuesta, *Culmine Ediciones*, Argentina, 2017 e *El Buen Trato. La Solidariedad Anarquista y La Fuga de Punta Carretas*, Pascoal Muñoz, Editorial Anarquistas del Cordon, 2019.

⁵⁷. *Diário da Noite* (RJ), 13 fevereiro 1937, capa, O túnel atravessou os alicerces e deu saída na rua junto ao presídio.

desembocou no pátio de um terreno vizinho com moradias, nesta extremidade o túnel ficou mais fundo com 2 metros de profundidade.

Segundo as “autoridades” cavaram por não menos de 15 dias para realizar “uma aventura dessa natureza” e em sua vocação inquisitória apontam o plano e capacidade como obra de um preso engenheiro envolvido na fuga⁵⁸. A terra das escavações foi encontrada posteriormente bem socada rente às paredes debaixo das camas, outros afirmam ainda que havia terra até o teto em uma cela⁵⁹.

Naquela madrugada de quarta feira de cinzas cavaram a última parte de terra que lhes separava das ruas, do sol, dos ventos e da chuva encontrando um novo horizonte no raiar do dia. Na troca da guarda, às sete horas da manhã, o carcereiro do “Paraíso” deu-se conta da evasão de dezessete, naquele momento ex presos⁶⁰.

A polícia espalha as fotos dos 17 fugitivos pelos portos do Brasil. Jornais publicam matérias com nome completo dos prófugos e endereço de onde viviam. Em poucos dias dois prófugos são recapturados um em São Paulo e outro desembarcando em Fortaleza sendo reconhecido pelas fotos espalhadas nos portos⁶¹. Natalino tomou seu rumo sem deixar rastros.

A luta continua

A disposição por dominar a vida social do governo de Getúlio Vargas, se fez sentir a golpes duros, Getúlio Vargas empregou todos os artificios políticos e mecanismos repressivos até culminar na ditadura do Estado Novo meses após estas fugas. Um rolo compressor ditatorial varreu todos os rincões do Brasil. Um rolo compressor que havia sido posto em marcha desde 1930.

Em janeiro de 1942 Natalino salta de seus anos de anonimato para as páginas dos jornais e fichas policiais. É preso pela polícia política no Rio de Janeiro “fazendo propaganda do comunismo” com outros três “extremistas”. As palavras dos jornais recordam seu permanente estado de conflito contra as forças do poder, do estado-capital⁶². Ainda pelas páginas dos jornais sabe-se que dois anos depois sob a batuta do ministro Barros Barreto em seção do Tribunal de Segurança Nacional é deferido pelo arquivamento do processo 6778 de São Paulo que envolvia Natalino Rodrigues e outros⁶³.

Agressivo, perigoso, agitador! Assim o anarquista é aos olhos dos senhores do poder ontem e sempre! Natalino apostou no panfleto, no manifesto de rua, na greve, no combate aos fura greve, no combate aberto aos fascistas/integralistas, com navalha, revolver, jornais, livros, palavra e ação, cavando sua liberdade no constante desafio ao poder, lhe carimbando como louco, um irrecuperável

⁵⁸. *Correio Paulistano*, 20 fevereiro 1937, capa, A audaciosa fuga de presos políticos.

⁵⁹. *Correio da Manhã* (RJ), 13 fevereiro 1937, pág. 3, Evasão de presos políticos em São Paulo.

⁶⁰. Dois meses após a fuga do “Paraíso” um grupo de vinte e seis presos sequestrados no Presídio Maria Zélia tenta a fuga e são surpreendidos pelos guardas, são severamente agredidos, baleados, quatro são mortos, dois logram evadir-se. Edgar Rodrigues nos comenta em duas passagens em seus escritos que Natalino estava presente nesta tentativa de fuga do Maria Zélia que resultou em chacina, entretanto não encontramos nada que confirme que Natalino havia sido preso após a evasão do “Paraíso” tão pouco encontramos seu nome entre os que tentaram ou lograram a fuga do Maria Zélia, sendo certa sua participação na tentativa de fuga do Maria Zélia confirma mais uma vez sua atitude aguerrida na busca por liberdade. *O Anarquismo no Banco dos Réus (1969-1972)*, Edgar Rodrigues, VJR Editores, Rio de Janeiro, 1993, pág.149 e *A Nova Aurora Libertária*, Edgar Rodrigues, Achiamé, Rio de Janeiro, 1992, pág.38.

⁶¹. *O Dia* (RJ), 14 fevereiro 1937, pág. 8, Foram presos novamente.

⁶². *Gazeta de Notícias* (SP), *Correio Paulistano*, *Diário de Notícias* (RJ), todos de 25 de janeiro 1942.

⁶³. *Diário de Notícias* (RJ), 16 dezembro 1944.

inimigo dos tiranos, inimigo da miséria e do luxo, amante da liberdade, um louco para uma mente normatizada nas lógicas do poder. Um anarquista de ação, um indomável.

Armando Guerra

Crônica Subversiva, 6, 2020.